

DRAMAS

Tenreiro Aranha

DRAMAS



Tenreiro Aranha, Bento de Figueiredo, 1769-1811.

Dramas / Tenreiro Aranha.

1ª ed. – CDP, 2023.

80 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-76137-5

1. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-B869

DRAMAS

Copyright © obra em domínio público

CDP – Coleção Domínio Público

Capa: gerada por IA.

Edição e revisão: Warley Matias de Souza.

SUMÁRIO

7	Coleção Domínio Público
8	O autor
14	A obra
15	Drama pela fundação da casa para depósito de pólvora no rio Aurá
31	Os pastores do Amazonas
53	A felicidade no Brasil
76	Notas

COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

A Coleção Domínio Público tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que sejam esquecidas definitivamente.

O AUTOR¹

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha nasceu na vila de Barcelos, antiga cabeça de comarca do Rio Negro, no dia 4 de setembro de 1769.²

A sua ascendência é uma das mais honestas e distintas do Pará. Seu pai, Raimundo de Figueiredo Tenreiro, era filho de Bento de Figueiredo Tenreiro, capitão-mor da vila de Gurupá³, e provedor da fazenda real no Pará; e sua mãe, D. Tereza Joaquina Aranha, era filha do capitão-mor da mesma província Manoel Guedes Aranha, descendente de Bento Maciel Parente, governador e capitão-general do estado do Maranhão e Grão Pará, e donatário do Cabo do Norte.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha perdeu seu pai na primeira infância, e apenas completos sete anos de idade ficou também sem mãe. Em sua orfandade foi entregue aos cuidados de um tutor que, apesar de o fazer aprender as primeiras letras, não soube reconhecer os talentos de seu pupilo, para os aplicar convenientemente, antes o conduziu à solidão da roça, a que Tenreiro não se podia acomodar.

Tocando a idade de doze anos, sentiu mais vivo o seu desejo de se entregar ao estudo das belas-letras, e com esse desígnio procurou o amparo de seu padrinho o arcipreste e vigário geral José Monteiro de Noronha, que, aplaudindo e favorecendo esse desígnio de seu afilhado, e de acordo com o juiz de órfãos, o mandou estudar no convento de S. Antônio, onde, completando os seus estudos preparatórios, se passou para as aulas maiores dos

Padres Mercenários, sob a direção do padre mestre Frei João da Veiga, cunhado do vigário geral Noronha, e aí aproveitou muito, desenvolvendo pasmosamente os seus talentos.

Aos 19 anos de idade, Tenreiro Aranha aprontava-se a ir completar os seus estudos na universidade de Coimbra, mas foi embaraçado nesse seu projeto pela falta de meios que lhe causara um sequestro da fazenda real sobre os bens herdados de seu avô. Removido do seu propósito, ele se deixou cativar do amor que em sua alma acenderam os encantos e virtudes de D. Rosalina Espinoza, filha de um oficial militar vindo de Portugal para servir na província do Pará, e com ela se casou.

Tomado esse novo estado, figurou-se-lhe a vida retirada mais conveniente e aprazível, e assim foi viver em uma fazenda dentro da jurisdição da cidade onde em sossego se deu mais afincadamente ao estudo das belas-letas e aos cuidados rurais.

Tendo conhecimento o governador e capitão-general, Martinho de Souza Albuquerque, das boas qualidades de Tenreiro Aranha, não sofreu que permanecesse em retiro quem podia ser mais útil à pátria nos empregos públicos; por isso, com a patente de alferes de milícias, o nomeou diretor de Oeiras, vila de Índios. Tenreiro obedeceu logo a esse convite e deliberação da primeira autoridade de sua pátria. De sua excelente direção resultou um geral contentamento dos indígenas dessa vila, aumentando-se sensivelmente os produtos de seu trabalho, e o número da população, pelo incremento de muitos Índios, que, atraídos das selvas por suas maneiras conciliadoras, vieram engrossar o rebanho de Cristo, ao qual Tenreiro consagrava também particulares cuida-

dos.

D. Francisco de Souza Coutinho, que sucedera no governo da província a Martinho de Souza, e que, segundo as suas informações ao gabinete de Lisboa, esperava uma lei que abolisse o diretório dos Índios, satisfeito do comportamento de Tenreiro Aranha no regime econômico da diretoria de Oeiras, e do desinteresse que assaz o extremara de muitos diretores ambiciosos e desabridos, não quis que Tenreiro se achasse ainda diretor quando chegasse a mencionada lei, para não ser confundido com os outros que seriam então demitidos; e a fim de mostrar-lhe que os seus merecimentos lhe ocupavam a atenção, elevou-o ao posto de capitão de caçadores do seu mesmo regimento, e conferiu-lhe o lugar de escrivão da abertura da alfândega do Pará.

Tenreiro Aranha não deixou no exercício desses seus novos encargos de merecer de mais a mais o honroso conceito do seu governador; mas por fim foi vítima de insidiosas maquinações e negras calúnias, movidas por ocasião da discórdia que rebentara entre o governador, o bispo D. Manuel de Almeida de Carvalho, e o juiz de fora Luiz Joaquim Frota de Almeida, de quem era fiel e extremoso amigo. O seu ofício da alfândega foi logo transferido para outro indivíduo que com lisonjas soubera amar a graça do governador. Recolheu-se de novo Tenreiro Aranha à solidão do campo, até que o conde dos Arcos, investido no governo, e inteirado da injustiça que se lhe fizera, o chamou para o emprego de escrivão da mesa grande do Pará, que lhe foi confirmado vitalício pelo príncipe regente D. João.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha faleceu no dia 25 de

novembro de 1811.

Cabia agora anunciar os diversos talentos desse honrado Paraense pela mesma ordem com que ele os manifestou em seus escritos, mas a falta de notícias exatas faz com que sejamos parcos em tal matéria, contentando-nos de anunciar unicamente o que tem chegado a nosso conhecimento, e que de certo basta para acreditar a memória de Tenreiro Aranha como de um distinto literato.

De suas obras umas se imprimiram avulsas, outras de todo se tem perdido. Passaram pelo prelo uma ode horaciana ao governador e capitão-general Martinho de Souza e Albuquerque, onde, a gratidão de mãos dadas com a verdade, expressou louvores em sublime frase; e uma oração feita por ocasião do nascimento da Sra. D. Maria Isabel, infanta de Portugal, que foi recitada na residência do juiz de fora Luiz Joaquim Frota de Almeida. Nessa oração brilham os liberais sentimentos de que já era possuído naquele tempo o ilustre Paraense. Querendo ele mostrar as vantagens das monarquias justas, fundadas na equidade e na razão, dirigidas por leis e consagradas pela religião, diz assim: “Rastejam e emitam de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquela ação rápida, poderosa e simplicíssima com que o Ente Supremo, desde o alto do seu trono majestoso, rege e modera o universo”⁴. Depois, continuando o mesmo pensamento, diz assim: “Seja para sempre detestado o cetro da tirania, seja banido e desterrado para os confins desses bárbaros climas onde, desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetua a ignorância o seu jugo infame sobre milhões de escravos”⁵.

Das poesias manuscritas, dramas, cantatas, idílios, sonetos etc., só escaparam à voracidade do descuido⁶, uma ode pindárica ao governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada, e um soneto à Mamaluca Maria Bárbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer adular; e é o seguinte:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadáver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito⁷
Esta nova ao esposo aflito, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante:

Que dum monstro inumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que alívio busque à dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurara,
À mancha conjugal prefere a morte.

Omitimos outras muitas poesias do mesmo Tenreiro Aranha, compostas por diversos motivos, e em diversas ocasiões em

que o seu patriotismo se fizera sempre manifestar brilhante e sublime, por não ser de nossa tarefa transcrever todas as suas composições. Tenreiro cantou em muitas poesias a trasladação da família real portuguesa para o Brasil, e parece bruxulear⁸, desde então, a independência e futuros destinos da nossa pátria.

A OBRA

A obra *Dramas*, de Tenreiro Aranha, pode ser associada a uma estética árcade. Nela encontramos referências greco-latinas e algo de pastoralismo ou bucolismo.

O autor, um monarquista, em tom laudatório, demonstra seu nacionalismo português, apesar de ser brasileiro.

A presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: TENREIRO ARANHA, Bento de Figueiredo. *Obras literárias*. 2. ed. Lisboa: Tipografia da Companhia Nacional Editora, 1899.

**DRAMA PELA FUNDAÇÃO DA CASA PARA
DEPÓSITO DE PÓLVORA NO RIO AURÁ,
PERTO DA CIDADE DO PARÁ, OBRA DE
GRANDE UTILIDADE QUE FEZ CONSTRUIR
O ILMO. E EXMO. SR. D. FRANCISCO DE
SOUZA COUTINHO, GOVERNADOR E CAPI-
TÃO GENERAL DO ESTADO**

INTERLOCUTORES

Gênio Tutelar..... do Pará

Amazonas..... Nífa

Aurá..... Dita

Erguendo-se o pano da boca do Tablado mostrar-se-á no fundo do Teatro vista de Cidade, e de um Rio corrente junto a ela, e nos lados apresentarão os bastidores vista de bosque. Quando se erguer o dito pano estarão já nos seus próprios lugares, onde devem falar, as duas primeiras figuras que aparecem, ficando a Amazonas ao lado direito do Gênio em razão do Sexo, que a representa, e de se considerar ao mesmo tempo como uma Deidade.

ATO ÚNICO

CENA 1^a

Gênio Tutelar, e Amazonas

AMAZONAS

Tutelar Gênio, que o Pará proteges,
A que alto destino, e fim me ordenas,
Que deixando o meu doce domicílio,
A gruta fresca em que descanso há sec'los,
Hoje venha pisar as duras margens
Do Guajará, que só mortais habitam?

GÊNIO

Amazona sublime, que Senhora
És do grão Rio, a que teu nome deste,
Como sei que o Pará sempre estimaste,
Este Estado feliz, que fertilizas
Com tuas abundantes, doces águas;
Como sei que na sorte te interessas
Dos seus habitantes venturosos;
E como enfim de todas as Deidades,
Que há nesta Região imensa e rica,
És tu a maior delas, quis agora

Que o novo aumento com teus olhos visses,
Que logra a gente que fiel dirijo,
E com tua presença quis que honrasses
O público festejo, que este dia
A superior Deusa da Justiça
Ordena-me que faça, como em prêmio,
Daquele Herói que tanto bem tem feito
Ao nosso amado povo Paraense.
Tu sabes que a Justiça igual, e firme,
Assim como castiga ao delinquente,
Assim ao benemérito coroa;
E em qualquer parte que o descubra, logo
Cuida em dar-lhe a devida recompensa.

AMAZONAS

E qual é esse Herói? Qual esse aumento?
Qual o prêmio, que dar-lhe determina
A incorrupta Virtude?

GÊNIO

Se no centro
De tua funda aquática morada
O nome tem soado, como creio,
Dos famosos, dos ínclitos Coutinhos;
Sabe que deles é clara vergôntea

Este Herói, de quem falo, e que hoje forma
As delícias, e amor, e as maravilhas
Do Pará, que governa sábio e justo.
Parece-me que vejo o teu semblante⁹
Dar sinais deste nome respeitável:
Já te não é oculto?

AMAZONAS

Não te enganas;
Que, sendo em outro tempo à guerra usada,
Entre os nobres exemplos, que contavam
Dos maiores guerreiros, esse nome
Ouvi que várias vezes repetiam,
E que entre os claros, fortes Lusitanos
Eram dos mais ilustres, e mais fortes:
Respeito pois seu nome esclarecido.

GÊNIO

Mais o respeitarás sabendo como,
Contando ainda menos de seis lustrós,
Seus dias tem ornado de virtudes;
Este mancebo Herói, recente Alcides,
Das vis paixões as víboras decepa,
Das paixões que as melhores qualidades
Às vezes desfiguram: Ele ajunta

Ao vigor da florente mocidade
A prudência, que os anos dar costumam.
Nutrido aos peitos da imortal Minerva,
Ele foi conduzido por Mavorte,
Desde os mais tenros anos, e sabendo
A terrível ciência dos combates,
Em volúvel, e líquido elemento,
Dirigir com mão destra esquadras fortes;
As artes entretanto não ignora
De fazer aos humanos venturosos,
Reger Estados, governar os povos,
Traçar, e executar projetos úteis.
Não imagines, não, cara Amazona,
Que algum tempo lhe rouba o fatal ócio;
Fiel ao seu dever, o desempenho
Deste lhe ocupa todos os momentos,
Neste o seu gosto, e seu prazer só acha;
Enquanto uma das mãos ativo emprega
Em fazer a Reinantes bons serviços,
Serviços importantes, aumentando
O Régio patriotismo, por efeito
Duma provida, e sábia economia;
Com outra o bem dos súditos promove,
E satisfeita a tropa, a disciplina,
Dos Estados arrimo, estab'lecida,
O povo forte, as Leis executadas,
Reprime o crime, anima a sã¹⁰ virtude,

A indústria, e o trabalho: estende os olhos
Por toda essa Cidade que se oferece¹¹
À tua vista: vê por toda a parte
Em praças, ruas, máquinas soberbas,
Os efeitos que nela vão crescendo,
Das benéficas mãos do grão Coutinho;
E vai, se queres mais, vai ver aquela
Ilustre Fundação, que só bastava
Para honrar o seu nome...

AMAZONAS

Me perdoa,
Sublime Gênio, interromper-te; afirmo
Que tais coisas me têm maravilhado!
Mas permite-me já que te pergunte,
Donde e quando mandou o Céu propício
Tão grande Benfeitor à feliz margem
Do meu rio? Relata-me, e refere
A ilustre fundação que tanto louvas.

GÊNIO

Satisfarei, Senhora, os teus intentos
Em breve narração, porquanto vejo
Que já vai-se chegando o próprio tempo
Para o festejo destinado; sabe

Que das margens do Tejo, cuja glória
Tem tornado mil vezes turvo, e brando
O Indo, o Ganges, o Nilo, e mais o Eufrates,
E a quem tu mesma, posto que mais rica
Em águas, e produtos preciosos,
Tens rendido gostosa vassalagem,
Daquele Rio, de quem sabe o mundo
Ter virtudes, criar peitos briosos,
Dali veio Coutinho, e foi mandado
Pela dos Lusos imortal Rainha,
A cujo Império of'recem reverentes
As quatro partes seu tributo, a cujo
Benigno Cetro deve tantas ditas
Esta Província, que de ser se jacta
Do seu Império parte; e para prova
De que se não engana, Ela lhe manda
Em Coutinho um condigno Substituto,
Ornado assim do seu poder a força,
Como de suas intenções sublimes.
Inda o Sol duas vezes não tem feito
Do Câncer sua volta ao Capricórnio,
Tão pouco tempo há pois, que ao Pará chega
O grande Herói, o sem igual Coutinho;
E neste mesmo limitado tempo
Tem feito tantas obras gloriosas!
Mas eis a ninfa do Aurá, que chega;
Quero que dela escutes o que resta,

Da ilustre fundação a breve história.

CENA 2ª

Sai a Nífa Aurá por um dos bastidores do lado direito mais vizinho ao Rio, e tomando a esquerda do Gênio fica este no meio.

AURÁ

Salve, Celeste Gênio, e vós Senhora
A quem ofereço em minhas frias águas
Reverente tributo...

AMAZONAS

Aurá querida,
Filha gentil, eu de te ver m'alegro.

GÊNIO

Bem-vinda sejas, ó formosa Nífa,
Hoje glória, e prazer destes contornos,
Quero que, para ouvirmos, nos repitas
(Este o motivo foi daqui chamar-te)
Aquele doce canto, que entoaste
Em honra dessa Obra, que teu nome,
Entre todas as Ninfas destes rios,

Tornou mais conhecido, e celebrado
O seu famoso Autor. E tu Deidade¹²
Neste canto ouvirás o que pretendes
Pela boca da Aurá: As vozes solta,¹³
Canta, formosa Ninfa...

AURÁ

Mui depressa
Vim por obedecer-vos reverente,
Como devia; e agora farei muito
Por cumprir vosso mando, e dar-vos gosto.¹⁴

1^o

Do Pará o fiel povo
Vivia atemorizado,
Vendo sobre si pendente
De Jove o raio farpado.

2^o

Em seu mesmo seio tinha
O motivo de seus sustos,
No sulfúreo pó terrível,
Que emita os trovões robustos.

3º

Em seu muro há muitos tempos,
Que encerrava, por seu mal,
Da matéria abrasadora
O depósito fatal.

4º

Quando Júpiter no Olimpo
O Céu com raios fendia;
Clamando a tímida gente
Sem tino fugir queria.

5º

Mas enfim compadecido
Deste povo o Céu propício,
Determina que Coutinho
O livre do precipício.

6º

Logo junto à minha gruta
A nova Casa edifica,
Com que a gente, sem p'rigo,
Mais bem defendida fica.

7º

Entre a floresta, que rega
Minh'onda serena e pura,
A esconde com sutil arte
De toda a invasão futura.

8º

Em poucos dias consegue
O grande intento proposto,
Em poucos dias converte
Deste povo o medo em gosto.

9º

Todos lhe tributam gratos,
Justos, dignos louvores,
Todos vão correndo alegres
A ver da Obra os primores.

10º

Já minhas margens trilhadas
São de ledos caminhantes,
Até de Ninfas sabidas
Vem mil coreias¹⁵ brilhantes.

11^a

Graças te dou bom Coutinho,
Do Grão Pará Benfeitor,
E do meu nome, e respeito
Amparo, glória e louvor.

12^a

Enquanto as águas correm
Para o túmido Oceano,
Hei de cantar o teu nome,
O teu nome Soberano.

AMAZONAS

Discreta letral! Sonoroso canto!
Ilustre Fundação! Mas sobretudo,
Que famoso Mortal! Estou suspensa
De tantas maravilhas!

GÊNIO

Ah! por certo,
Amazona, as virtudes desse humano
De maior narração eram bem dignas.
Para narrá-las necessário era

Por toda a terra discorrer, que forma
Este tão vasto Estado; suas vistas,
Seus olhos penetrantes tudo observam,
E seus influxos benfeitores chegam
Até do Índio aos pobres Tujupares.
Em sinal pois do quanto aos Céus são gratos
Seus méritos sublimes, quis a Deusa,
A justa Deusa, que ao princípio disse,
Que tomasse a meu cargo honrar-lhe o nome,
Visto que, por dever do ministério,
Sobre o Pará vigio. Em consequência
Aos povos inspirei, que agradecidos
O aplaudissem por modos diferentes;
E assim hoje em magnífico Teatro
Em seu louvor a peça representam:
De Demofonte em Trácia; mas não julgues
Que neste só festejo se limita
O prêmio, que essa Deusa Soberana
Dar a Coutinho intenta; isto é apenas
Penhor do que lhe deve, um incentivo
Para novas empresas, pois é certo
Que a virtude louvada vive, e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
Lá quando enfim tiver chegado
À clara meta, que o supremo fado
Destinado lhe tem, depois de feita
A carreira imortal dos seus trabalhos,

Então, então serão recompensados
Completa e dignamente; e a coroa
Terá, que dar costuma a justa Deusa
Ao mérito, e à virtude.

AMAZONAS

Céu benigno!
Assombrada me deixam tais portentos!
Teus arcanos venero. E por que causa,
Depois de tantas gerações passadas,
Reservaste a esta idade o complemento
De teus altos desígnios, favoráveis
Ao Grão Pará? Celeste mensageiro,¹⁶
Em muita obrigação me tens, e quando
Não devesse ser grata ao grande obséquio,
Te ficaria pela nobre história
De um tal Herói, de tantas maravilhas!
Meus justos sentimentos preveniste,
E desde já, cedendo a seus impulsos,
Amo a Coutinho, e já quisera dar-lhe
Demonstrações fiéis, provas constantes
Do meu puro respeito; já quisera
Ver-lhe o semblante, quando, como espero,
Livre de seus trabalhos mais urgentes,
Em curvo lenho sobre as minhas ondas,
Visite o vasto Estado. Então capelas

Lhe porão sobre a fronte as Ninfas minhas
Das flores do ingazeiro mais cheiroso,
Que pende sobre o rio, entretecidas
Com as variadas penas do Tucano,
E do lindo Anambé. Então submissa
Enfrearei a rápida corrente
Do soberbo Amazonas, que passagem
Lhe dê suave, e fácil. Entretanto
Farei que as minhas águas abundantes,
Os áridos desertos penetrando
Os tornem férteis, mais fecundo inda
Do que estes campos, mais do que tem sido,
Para que, respondendo aos bons desejos
Do provido Coutinho, o seu Governo
Assinalem nos fastos Paraenses
O mesmo inanimado, os mesmos troncos.

AURÁ

O Céu propício tuas vozes ouça,
E cubra de mil benções sua vida.

GÊNIO

Vamos, Senhora, vamos, grata Ninfa,
Vosso transporte é justo, e vossa estima
Por um objeto tal; porém é tempo

De deixarmos de humanos a linguagem,
E ao domicílio vamos, e invisíveis
Veremos o festejo dedicado,
Por eles, e por meus influxos feito,
Em honra desse Herói.

AMAZONAS

Mil anos viva.

AURÁ

Viva o meu Protetor esclarecido.

TODOS

Viva o grande Coutinho, honra dos Lusos,
Benfeitor do Pará: Mortais louvai-o.¹⁷

OS PASTORES DO AMAZONAS¹⁸

INTERLOCUTORES

Uma Napeia, ou Ninfa dos Bosques

Bireno..... Pastor do Amazonas

Elisa..... Pastora do Amazonas

Outros Pastores, Serranos, e Serranas do mesmo

A Cena se figura nas margens do dito rio Amazonas, ou nas do Guajará, que é como feudatário daquele, e o em¹⁹ que se acha a cidade de Belém do Pará.

ATO ÚNICO

CENA 1^a

Vista de bosque, e nele Bireno dormindo meio reclinado sobre uns pequenos penhascos a um dos lados do tablado, no qual da parte oposta, e mais para o fim dele se verá uma gruta.

*Dueto*²⁰

Aos sacros Deuses
Louvores dai;
Gentes de Luso,
Cantai, cantai:
De tão alto benefício
A memória eternizai.

A estas vozes desperta Bireno sobressaltado, e enquanto se finaliza o canto se põe ele em pé, procurando cheio de suspensão por todo o bosque a origem dele até que determinando-se diz

BIRENO

Que vozes; que suave melodia
Do sono me desperta! quão sonora!
Quem será! Donde vem tanta harmonia?
Nunca a ouvi semelhante sobre as margens

Do famoso Amazonas... Mas lá vejo
Para aqui caminhando uma Serrana:
É Elisa, e seria talvez ela
Que o peito me feriu com voz tão bela?

CENA 2^a

Sai Elisa por aquele lado em que fica a gruta, e chegando-se para o pé de Bireno, diz

ELISA

Salve Bireno...

BIRENO

Adeus, prezada Elisa,
Dize-me, acaso foram tuas vozes
Sempre doces, mas hoje mais suaves,
As que, soando neste bosque umbroso,
Suspenderam os Zéfiro, e foram
Despertar meus sentidos, que em sossego
À sombra do alvoredo repousavam?
Dize, amável Serrana; e se tu foste,
Continua a cantar, que dos raminhos
Já pendem para ouvir-te os passarinhos.

ELISA

Não, Bireno, eu não fui, nem sei quem fosse
Dentre os nossos Serranos, que pudesse
Cantar tão digna, e tão suavemente.
O mesmo assombro, que essa voz te causa,
Também sentindo, venho diligente
A causa examinar. Em nossos campos,
Repara, meu Bireno, neste dia,
É tal a amenidade, que parece
Que a mesma natureza alegre vejo.
Tudo prazer respira, os ares puros,
Os velhos troncos com viçosas flores,
Os doces passarinhos gorjeando,
Tudo, tudo denota neste dia
Não sei que novo gosto.

BIRENO

Sim, Elisa,
Os Deuses nos protegem certamente,
E nossos ledos, e ditosos campos
Hoje parecem deles habitados.

CORO, *dentro*²¹

Do largo Amazonas,

Felizes Pastores,
Soltai doces vozes,
Ornai-vos de flores;

Fazei memorável
Tão ditoso dia,
Celebrando o Nome
Da Excelsa Maria.

Nele dois presentes
O Céu nos envia;
Celebrai o Nome
Da Excelsa Maria.

ELISA

Que novas maravilhas! que sublime,
E nunca ouvido canto em nossos campos!
Suspensa fico! Quem será, Bireno?

BIRENO

Talvez dos nossos Deuses Tutelares
Estas sonoras vozes hoje sejam.
Não percebeste, Elisa, como acaba
A letra, não ouviste o doce Nome,
Que o sentido termina do seu canto?

Aquele Nome, para nós tão fausto,
E que há pouco se viu reproduzido
Na tenra Filha, suspirado fruto
Do grão Jozino, e singular Carlina,
Os nossos bons, benéficos Senhores.
Mas que vejo! repara... Oh Céus! Elisa!

CENA 3^a

Sai a Napeia da gruta, e cantando o seguinte virá andando até ficar entre os Pastores, que entanto mostram a maior suspensão.

NAPEIA, *cantando*

Pastores do Amazonas dilatado,
As vossas ditas memorai, e gratos
No escuro seio dos espessos matos,
Honrai, honrai um dia tão sagrado.

A MESMA NAPEIA, *falando diz*

Mortais, deixai o inopinado assombro.
Napeia deste bosque sou, Pastores,
A que, por ordem da imortal Diana,
Da casta Deusa, que entre nós preside,
Com outras companheiras entoando
Deste dia os louvores, aqui venho

Dizer-vos e ensinar-vos o que é justo,
E conforme a vontade soberana
Da Filha de Latona. Ouvi-me, atentos:
Vós já sabeis o grande benefício,
Que Jove, tão propício a vossos votos,
Vos concedeu benigno; benefício,
Que de males imensos vos livrara,
E que mil ditas nele só promete
Aos Lusos campos, e aos que deles pendem.
Vós acabais de ouvir o grato anúncio,
Porquanto a toda a parte a fama o leva,
Do Feliz Nascimento de Maria,
Entre vós por Marília nomeada,
Aquela, cujo Nome excelso, e digno,
Cujo ser interessa geralmente
A todos os mortais; aos mesmos Deuses,
Pelo bem, pela glória, que resulta
A uns e outros de vida tão prezada.
Agora sabereis que à tanta dita
Outra mais se lhe ajunta neste dia,
Formoso dia, em que do tempo insano,
Das parcas respeitada, enfim triunfa
A grande Avó, a sem igual Maria,
Dos vossos campos Tutelar Senhora,
A benéfica Maria, cujas graças
Inda mesmo tão longe vem buscar-vos.
Aquela, cujo Cetro radiante

Chega propício, estende os seus influxos
Ao Tejo, Nilo, Ganges e Amazonas:
A cuja sombra alegres, e tranquilos
Os frutos recolheis da paz ditosa,
E sem temor de injustos opressores
Em rebanhos cresceis, arais os campos.
Fiéis Americanos, se de rudes,
E de insensíveis peitos, quais já fostes,
Em outro tempo; agora felizmente,
Pela luz da razão já penetrados,
Fugir quereis a indecoroso nome;
Se o Céu, se um mesmo Céu vos manda as chuvas,
E o verão criador; se ao mesmo Trono
Ofrecem reverentes seu tributo
O Amazonas, e o Tejo, fiéis sendo
Desse Quarto João aos Descendentes,
Que vossos Pais com vivas aclamaram,
Pertence-vos também honrar agora
Estes dois Natalícios venturosos:
Tudo vos chama, tudo vos obriga
A tão devido obséquio, o vosso nome,
O dever, gratidão, vosso interesse,
Doutros povos o exemplo, e finalmente
A ventura de terdes em Coutinho
Um Maioral, que nisso se interessa,
Que vos ama, vos honra, e vos anima,
Como da mesma Pátria dignos filhos;

Coutinho, em cuja vinda recebestes
De Márcia mais um novo benefício;
Enfim os mesmos Deuses Soberanos,
A Sacra Delia quer, e assim ordena
Que neste dia deis a justa prova
Da vossa gratidão; e convocados
Por tão forte motivo os mais Pastores,
O Nome festejeis, e o Nascimento
De Maria primeira, e da segunda,
De Márcia, e Marília Soberanas,
Cujos nomes por vós são mais usados,
Que os mesmos Deuses amam: esta a causa,
Este o digno motivo, que me guia,
E que a vós, ó Pastores, que entre os outros
Mais atendidos sois, mais respeitados,
Para aviso fazer-vos me dirige.

BIRENO

Excelsa Semideia, as tuas plantas²²
Aceita dum mortal a reverência
(Suspenso, e embaraçado apenas creio
No mesmo que estou vendo!) Sacros Deuses,
Sublime Nífa, que farei, que graças
Vos são devidas por mercês tão raras?
Quanto amais aos mortais? Que grande dia
De maravilhas cheio!

ELISA²³

Sacra Ninfa,
Imortal habitante destes bosques,
Meu respeito e homenagem te tributo,
E em minha suspensão te rendo as graças
Dos portentos de que hoje te dignaste
Que testemunha fosse: de que modo
Responder poderemos dignamente
A graças tais?

NAPEIA

Pastores, levantai-vos,
E sem tempo perder, correi ligeiros
A dar execução ao Sacro mando
Da casta Delia: convocados hoje
Outros Serranos, como já vos disse,
Que armados de festões, e de mil flores,
Qual o dia requer, aos Deuses honrem,
E festejem por modos variados
Este dia feliz, e assinalado.

BIRENO

Obedeço, alta Ninfa, a teu mandado,
E ao Decreto de Delia soberana

Obedecer é pouco, pois minh'alma
Com assombro, e alegria não atina
No modo dum mais justo desempenho:
Tais graças, e favores tão subidos
Dum fraco humano a gratidão excedem.

ELISA

Obedecer é pouco.

AMBOS

Mais devemos
Fazer reconhecidos em tal dia
De tanta suspensão, tanta alegria.
(*Vão-se.*)

CENA 4^a

Fica só a Napeia, e canta em recitado:

Já, Lusos, já cessaram, fiéis Lusos,
As fervorosas súplicas, os votos
Com que os Céus fatigando, aos Céus pedíeis
A suspirada Prole,

Já sobre as plumas do dourado berço,

Das graças, e virtudes rodeada,
Vos estende risonha a mão propícia,
A tenra mão mimosa,

Do antigo tronco a augusta vingadora,
Do Invicto Afonso a Clara Descendente,
De João adorado a Filha, e glória,
A Neta de Maria;

Maria, cujas ínclitas virtudes
O Céu atende, e seus dourados dias
Neste dia feliz renova, e firma
Em duplicados fios.

Chegai, ó Povos, concorrei, ó Lusos,
Das quatro partes, dos opostos climas,
Vai adusto Brasil, vai reverente
Beijar-lhe humilde a planta.

Ária

Dos vários orbes
Todas as gentes,
Os mesmos Deuses
Dos Céus luzentes,
Eu vejo ledos,
Ledos estão.

De Estígio lago
Então juraram,
Que o claro dia,
Que tanto amaram,
Perpetuamente
Brilhar farão.
(*Vai-se.*)

CENA 5^a

CORO, *dentro*

À Sacra Diana
Nossos dons levemos,
Da nossa ventura
A causa entoemos;
A Márcia, e Marília
Louvores cantemos.²⁴

BIRENO

Eis o altar de Diana, que preside
Aos nossos campos sempre favorável,
E que hoje mais que nunca se interessa
Nas nossas ditas: Caros companheiros,
Vamos, vamos, levar-lhe reverentes
Os dons sinceros, as ofrendas puras

Do nosso justo amor reconhecido.
Assim convém que gratos comecemos
O festejo, e os prazeres deste dia.
Já vos contei, Pastores, como a Deusa,
(Elisa bem ouviu) dignou-se pia
De avisar-nos por meio de uma Ninfa
Do que fazer devíamos; agora,
A tão alto favor assinalado,
Devemos gratos ser, e então depois
Que ao justo Céu tivermos satisfeito,
Por tantos tão sensíveis benefícios,
Quais hoje experimentamos; sim, Pastores,
Quais hoje nos concede o Céu propício,
Cantemos, entoemos nossas ditas,
Unamos todos, todos os prazeres,
De que os singelos peitos são capazes,
Em louvor deste dia memorável.

ELISA

Vamos, Pastores, vamos fervorosos
Ofertar nossos dons à casta Delia.

Dueto

BIRENO E ELISA

(Bireno)

Sublime Diana
Que dá vida às flores,
Os votos aceita
Dos simples Pastores.

(Elisa)

Aceita o tributo
Que nós te rendemos,
Pelo bem, que agora
De ti recebemos.

(Ambos)

De Marília, e Márcia
Que tanto estimamos,
Os dias preserves
Nós te suplicamos.²⁵

BIRENO

Soltai, Pastores, gratas cantilenas,
Embocai, embocai as doces flautas,
Tudo fazer devemos neste dia,
Em honra de Marília, e Márcia augusta.²⁶

BIRENO, *cantando em recitado*

Quantos prodígios, quantas maravilhas
Se não vêm²⁷ neste dia esclarecido?
Que bens não tem²⁸ os nossos ledos campos
Da benéfica Márcia recebido?
Lá sobre os dilatados horizontes
Mostra hoje Febo novos resplandores,
E assim como difunde a luz brilhante,
Assim Márcia Sublime os seus favores.

Ária

Alta Márcia, se teus dias
Contam ledos os humanos,
Teus favores Soberanos
Ninguém pode numerar.
Dos anos à fúria cedam
Embora esses troncos rudes;
De Márcia os dons, as virtudes

A farão eternizar.

ELISA, *cantando em recitado*

De quantos males, quantas desventuras,
Nos não livrou propício o Céu piedoso
Nesse dia feliz, em que Marília
Teve o seu nascimento venturoso?
Tristes anúncios, fúnebres presságios
Já não causam ao peito mil temores,
Desfez-se a nuvem, que assustava as gentes,
Nasceu Marília, sossegai Pastores.

Ária

Já cessou, já se não ouve,
No cume daquele Outeiro,
Do pavoroso agoureiro
O noturno sibilar.
Só se escuta, que ventura!
Marília excelsa louvando,
Das aves o coro brando
Doces cantos modular.²⁹

Dueto

(Bireno)

Os frutos da paz
Os campos floridos
A ti grande Márcia,
A ti são devidos.

(Elisa)

Ao nascer Marília
Fica livre a terra,
Do triste temor
Da pérfida guerra.

(Bireno)

De Márcia sublime
Mil bens recebemos.

(Elisa)

À tenra Marília
Quanto não devemos?

(Ambos)

De Márcia, e Marília
O Nome entoemos.³⁰

BIRENO

Nossas vozes, Pastores, são inimitáveis,
O vento leva, e para que constantes
Da nossa gratidão, do prazer nosso
Os sinais perduráveis hoje sejam,
Vamos, vamos gravar nos duros troncos,
Nos troncos, que ali vedes, a memória
De dia tão ditoso.

ELISA

Vamos, vamos.³¹

Inscrições

1^{a32}

À casta Diana,
Por tal benefício,
De que somos gratos,
Este seja indício.

2^{a33}

De tantas venturas,
Neste dia unidas,
As memórias fiquem
Aqui transmitidas.

3^a

À Márcia sublime
Seja dedicado
Deste antigo cedro
O tronco sagrado.

4^a

Com Marília cresça,
E mil flores deite,
O novo loureiro,
Que o tempo respeite.³⁴

Dueto

Moradores do Amazonas,
Pastores desta Campina,
Aplaudi fiéis o dia,
Que o Céu renovar se digna.

Tu és, Márcia Soberana,
De nossos campos Senhora,
Tu, Marília, amparo nosso,
És de Márcia Sucessora.³⁵

BIRENO

Somos ditosos, caros companheiros,
Sejamos gratos a favores tantos,
Com que o Céu neste dia nos distingue:
De Márcia, e de Marília Soberana
O caro nome, a preciosa vida
Sinceros votos sempre nos mereçam.
Entanto a nossa festa terminando,
Se vos parece, vamos, meus Pastores,
Ver as que fazem, pela mesma causa,
Segundo ouvi, as gentes da Cidade,
Mais ricas do que as nossas, não mais puras.
Vamos, Elisa, vamos; pois é justo
Que este dia guardando, em honra sua,
Deixemos nossos rústicos trabalhos,
Deixemos tudo, e só nos ocupemos
Nos seus aplausos.

ELISA

Sim, Bireno, vamos,

É geral, é também o prazer nosso.

TODOS

Louvemos com recíproca alegria
De Márcia, e de Marília o grande dia.³⁶

CORO³⁷

De Márcia Sublime
Mil bens recebemos,
Na tenra Marília
Mil ditas teremos.
De Márcia, e Marília
O Nome entoemos.

A FELICIDADE NO BRASIL³⁸

Para servir-vos, braço...
Para cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.

CAMÕES. *Os Lusíadas*. Canto 10, estrofe 1ss.

OBSERVAÇÃO PRÉVIA

Os mui poucos dias que mediram entre a concepção deste Drama³⁹, e a sua produção; a extraordinária aceleração, com que foi preciso fazê-lo, e desde 25 de abril distribuí-lo, ensaiar, e aprontar para poder servir no dia destinado, a triste situação atual da terra, falta de todos os recursos necessários para que contando-se com eles se pudesse formar um plano mais vasto, mais brilhante, e digno do objeto, e finalmente a necessidade em que se viu o seu Autor de mudar, e alterar em grande parte, já quase depois de concluído, a fim de satisfazer unicamente a quem não podia deixar de obedecer; tudo isto junto às razões públicas, e às circunstâncias políticas, e assaz melindrosas do tempo, nas quais se não podia deixar de tocar, mas que era preciso fazê-lo sempre com a possível circunspecção e delicadeza: tudo isto digo deve ao menos servir de desculpa ao mesmo Autor, se no juízo dos mais inteligentes se assentar que ele o não desempenhou como devia, e como o seu coração e ardente patriotismo, mais ainda que o seu espírito, desejava.

O Autor.

INTERLOCUTORES DO DRAMA

1º: O Grande Gênio Tutelar e Superior, que preside aos destinos de todo o Brasil.

2º: Uma Nífa do Rio Amazonas.

3º: O Gênio Tutelar do Cabo Frio, Subalterno do primeiro.

Coro de Ninfas do Amazonas.

A Cena representa-se nas margens do Rio Guajará, feudatário do Grande Amazonas, perto da Cidade do Pará.

ATO ÚNICO

CENA 1^a₄₀

Levantando o Pano, depois da sinfonia aparece logo:

O GRANDE GÊNIO DO BRASIL

Abriu-se a fatal urna dos destinos;
Eis chega o tempo, eis chega o claro dia,
Que em vão há tantos sec'los desejas,
Imensa Região, ó Novo Mundo:
Já novos Astros sobre ti cintilam,
E já compadecido o Céu benigno
Da antiga escravidão, mísera sorte,
Um novo Ser, um novo Sol te envia:
Verás os seus influxos criadores
De mais perto animar teus férteis campos,
E fazer que da terra surjam montes
De ricos minerais, preciosos, finos,
Que até gora em teu seio sepultados
Infelizmente estavam: Verás inda
Florescer o teu nome, e o teu comércio:
Verás teus habitantes animados,
Protegidos verás, quais filhos caros,
De um Pai comum, de um Benfeitor Augusto,
Que dando-lhes a Mão, que alegres beijam,

Com ela os erguerá do abatimento:
Inúteis, e infelizes até gora,
Aos bandos sairão milhões de humanos
De incultas brenhas, de sertões medonhos,
Em Cidadãos fiéis já transformados,
Já conhecendo o Deus, que o ser lhes dera,
A Lei seguindo já, que os fez ditosos,
Dos braços sairão da torpe inércia;
E, deixados os bárbaros costumes,
Polidos os verás, e industriosos:
Fábricas úteis, úteis oficinas
Nova forma darão, vantagens novas
Aos imensos, riquíssimos produtos,
Que te deu liberal a natureza:
Teus densos bosques, ásperos silvados,
Corruptos pantanais verás mudar-se
Em formosas planícies; teus desertos
Em verdes campos, em jardins viçosos;
Largas estradas, nobres edifícios,
Suntuosos palácios, altos muros,
Vastas cidades, torreões soberbos:
Nascerão, crescerão em teus regaços,
Cheias d'honra, e de glória as belas Artes,
E as imortais Ciências luminosas:
A Piedade, a Justiça, as Leis sagradas
Sobre ti reinarão com cetro de ouro,
Os teus férreos grilhões despedaçando.

Oh Brasil! Oh Nações já venturosas,
Que habitais este vasto Continente,
Alegrai-vos comigo, vinde, vinde
De toda a parte a festejar tal dia!
E vós, ó moradores deste Rio,
Que sois dos mesmos bens participantes,
À alegria comum também juntai-vos.
Mas eis que já daquela cavernosa⁴¹
Gruta vejo sair com grave passo
Uma Ninfa do rápido Amazonas,
Ou do Guajará brando e sossegado,
Seu tributário...

CENA 2^a

NINFA DO AMAZONAS, *falando com o Gênio*

A ti meus passos guio,
E ou sejas um mortal, ou sejas Nume,
Se bem que um Semideus te considero,
Eu te saúdo reverente, humilde.
Em minha fria, solitária gruta
Tuas vozes chegarão, teus acentos
De divinal unção acompanhados,
Da mais suave força, a que não pode
Resistir peito algum de pedra, ou bronze.
Mas quem és? Me permite que eu pergunte;

E quais são; donde vem⁴² tantas venturas,
Que anunciado tens ao Brasil nosso?

GÊNIO DO BRASIL

Sou do mesmo Brasil o grande Gênio,
O Gênio Tutelar que por Lei alta
Do Supremo Senhor, que rege os Orbes,
Benigno, Justo, Providente, Imenso,
Presido a sorte, influo nos destinos
Desta vasta porção do Novo Mundo,
A quem de metas, e limites servem,
Da parte do Aquilão, da parte do Austro,
Os dois maiores Rios do Universo.⁴³
Já deste dilatado Continente
Pisa a terra fecunda, o ar respira
Seu Magnânimo, Augusto Soberano,
O Filho digno da Imortal Maria,
O Príncipe adorado, amparo e glória
Deste mesmo Brasil, delícias nossas,
João, Sexto João..., mas o Primeiro,
Que como Sol raiou neste horizonte,
Que veio encher de luz...

NINFA

Sagrado Gênio,

Minha pura homenagem de tributo
Cheia de assombro, e justo acatamento:
Um súbito prazer faz que interrompa
De teu alto discurso o áureo fio,
Ouvindo-te narrar tais maravilhas!
Mas, dize-me, onde está o nosso amado?
Onde existe este Príncipe adorado?

GÊNIO DO BRASIL

Na rica populosa e grão Cidade,
Que dos Caramurus foi berço antigo:
Ali co'a Soberana Mãe Excelsa,
Da Régia Esposa, e Prole acompanhado,
A sagrada Pessoa isenta aos danos;
Já livre, e vencedor da inveja, e sanha
De Netuno feroz, de Éolo insano,
Que debalde este Império lhe disputam,
Aos fados superior, e às impias fúrias
Do negro, do voraz, faminto Inferno...
Por um Deus, que ama o justo, protegido,
Único, Santo, Onipotente, e Eterno,
Pelas suas virtudes sustentado,
João começa ali a nova série
De coisas que estes climas nunca viram:
Prêmios, favores, graças mil reparte;
Já dita as novas Leis, os planos traça,

Que farão para sempre venturosos,
E respeitados do Brasil os povos.

NINFA

Oh mil vezes felizes os primeiros,
Que tal honra tiveram, que tiveram
A dita de beijar-lhe a Mão Augusta!
Que, bem como da Aurora quando nasce,
De perto vendo então a face pura,
Serena e majestosa, as caras Prendas,
Ternos penhores, doces esperanças
Nossas, e frutos de tão bons Senhores,
Que eterna fé lhes juram; que submissos,
Prostrados a seus pés, já lhes of'recem
O tributo, as primícias mais sinceras
Do mais ardente amor, e da mais firme,
E fiel vassalagem...

GÊNIO DO BRASIL

Ninfa Bela,
Inda não sabes tudo, eu tenho ainda
A revelar-te novas, grandes coisas:
Saberás pois que neste mesmo Dia,
Dia brilhante memorável, fausto,
Para bem do Brasil, e para glória

Dos humanos, do mundo inteiro digo,
Nasceu esse bom Príncipe adorado,
Que por Senhor, e Pai tu reconheces;
Hoje renova alegre o Sol luzente
O seu Aniversário majestoso;
E hoje mais do que nunca os povos todos
Deste vasto hemisfério unidos devem,
No fervor, no prazer, nos sentimentos,
Marcar, assinalar tão grande Dia,
Por novos modos, variadas formas,
Quais até gora nunca usado tinham;
(Pois há razões, e causas também novas)
E este mesmo o motivo digno e grande,
Que faz que eu mesmo anunciá-lo venha
A tão remoto, tão distante clima
Motivo digno pelo seu objeto,
E digno juntamente de que a outro
De meus subordinados não cedesse
A glória desta empresa a mim devida,
Até pelo cuidado, e pela estima
Que me tem merecido em toda a idade
O Famoso País das Amazonas.

NINFA

Quanto, ó Gênio sublime, te devemos
A teu alto favor, a teus influxos!

GÊNIO DO BRASIL

Tu, que logras a justa primazia,
Entre as outras Deidades deste Rio,
Convoca todas, conta-lhes⁴⁴ o que sabes,
E o teu ardente zelo o mais disponha.

NINFA

É pouco obedecer, quando o preceito,
Além de obrigação, prazer infunde,
Quando ao dever, que a alma reconhece,
Também do coração se ajunta o gosto.
Seguirei, alto Gênio, os teus mandados,
Seguirei da virtude o nobre impulso;
Farei que a gratidão e lealdade,
O puro, ardente amor, os votos puros,
Dos fiéis habitantes do Amazonas,
Tristes, e rudes no pensar do vulgo;
Mas por isso talvez, por isso mesmo
Mais fiéis, mais leais, mais virtuosos,
Do que esses que ilustrados se apregoam,
Sirvam de normas, de exemplares sirvam
Hoje a todos os povos do Universo,
Bem como aos seus Maiores já serviram,⁴⁵
Quando ao quarto João as provas deram,
À custa dos seus bens, suores, sangue,

Da mais pronta, e distinta vassalagem:
Farei que estes solícitos, e alegres,
Co'a mais pura⁴⁶ homenagem, vão agora
Levar aos pés do Trono o seu tributo,
Ouro fino, luzente pedraria,
E outras mil produções de grande preço,
Em que abunda este clima portentoso
Nos três reinos da fértil natureza.
Farei que com presteza, e força ingente,
A notícia levando, soprem, quebrem
Os nus Tritões, os retorcidos búzios,
A fim de que veloz a toda a parte,
Onde estende o Amazonas os seus braços,
Dilatados, imensos, infinitos,
Desde o lugar em que com a ponta fria
Do pé repele as ondas do Oceano,
Até onde a cabeça majestosa
Tem sobre as urnas do ouro reclinada,
Chegue a nova feliz das nossas ditas:
Farei que as minhas Ninfas sem demora,
De finíssimas conchas adornadas,
Teçam louvores, cânticos entoem
Ao Senhor do Brasil, Príncipe Nosso.
Finalmente farei, farei que seja
Aqui nas margens deste mesmo Rio,
Que banha o Grão Pará co'as águas suas,
O ditoso lugar, lugar primeiro,

Em que, servindo aos mais de exemplo e guia,
Hoje se escute, veja-se este dia,
Entre os sonoros, clamorosos vivas,
Pelo meu coração, meu zelo ardente,
Por minha voz e língua proclamado,
O Novo Imperador do Novo Mundo.

GÊNIO DO BRASIL

Viva, viva, repita o Brasil todo
O Grande Imperador do Novo Mundo.⁴⁷

NINFA

Entre tantos motivos de alegria
Um só me falta, que encobrir não posso;
Falta-me ver somente o gesto amável
Do meu Príncipe amado, a mão beijar-lhe,
De viva voz meu culto oferecer-lhe,
Meus votos protestar-lhe; e na Presença,
Que para ser feliz basta gozá-la,
Derramar ternas lágrimas de gosto.

GÊNIO DO BRASIL

Também o grande Deus, que rege os Orbes,
Os humanos não veem; porém o adoram,

E só por suas obras reconhecem
Quanto é digno de amor e de respeito:
Os cultos que se rendem, os serviços
Que se fazem, se está o objeto ausente,
Ou distante, maiores são, mais puros.
Mas eu, Nífa gentil, já tinha em parte
Prevenido os teus vivos sentimentos,
Já tinha os teus desejos antevisto;
Por isso brevemente o Régio Busto
Aqui terás de tão querido Augusto.
Ao Gênio Tutelar do Cabo Frio,
Um dos meus Subalternos, ordenado
Tenho, que com ligeiro movimento,
Sutil e etéreo; mas com pompa egrégia,
Com decência Real conduza, e faça
Venerar sobre as margens do Amazonas
O Retrato fiel, a Sacra Efigie
Do Soberano mais fiel, e amável,
Mais pio, virtuoso, e mais humano,
Que o Universo respeita, o Céu estima.
A Cópia supre o Original; e vendo
Ela te há de inspirar encantos novos,
Novas ideias, compensar teus votos.

NINFA

De alvoroço, e prazer o peito exulta!

De gratidão, e gosto não atina
O que deva fazer nos seus transportes!
Amor, obrigação, virtudes santas,
Vinde ensinar-me o que fazer eu deval
Gênio sagrado, inspira-me tu mesmo,
Benfeitor generoso, tu ó Nome,
A quem devemos maravilhas tantas.

GÊNIO DO BRASIL

O mesmo coração inspira, e move,
Os deveres prescreve, quando deles
Alta, e profundamente possuído,
E penetrado está; os que ele dita
Sempre os mais naturais, e mais sinceros,
São mais puros também, mais aceitáveis.
Segue, bela Deidade, os seus impulsos,
E aos outros habitantes deste clima
O mesmo lhes inspira, o mesmo façam;
Que eu entretanto de maior altura,
Ou duma ou doutra margem do grão Rio,
Invisível já vou, e sobranceiro
Ver como os gratos povos do Amazonas,
Neste tão singular propício Dia,
Correspondem fiéis a meus cuidados,
À minha inspiração, aos meus influxos.⁴⁸

CENA 3^a

NINFA, SÓ

Celeste Gênio, não nos desampares.
Nós seremos fiéis aos teus influxos;
E eu vou já transmitir a toda a parte
A notícia feliz, o fausto anúncio,
De amor os ardentíssimos efeitos,
Do supremo dever às Leis sagradas:
Vou dispor, prevenir as Ninfas minhas
Companheiras fiéis a que no entanto,
Que outras mais expressivas se preparam
Demonstrações de júbilo, e de gosto,
Outras de gratidão, e lealdade
Provas sinceras, certos testemunhos.
Elas os instrumentos afinando
Louvores teçam, cânticos ensaiem
Ao grão Triunfador de tempo insano,
Das ondas, e das fúrias conjuradas;
Ao Augusto João delícias nossas,
Benéfico Senhor, Pai carinhoso;
Para que desde logo que o seu Busto
Entre nós apareça, o seu Retrato,
Como o primeiro dos tributos nossos,
Das mesmas frias e musgosas grutas
Mil vozes saiam, mil suaves hinos,

Que os ares rompam, que os mortais despertem.⁴⁹

CENA 4^a

GÊNIO TUTELAR DO CABO FRIO, SÓ

Debalde pretendeis roubar-me a glória,
A glória singular, que os Céus me deram,
Vós de todo o Brasil, povos diversos.
Do Cabo Frio vigilante guarda,
Constante defensor, Tutelar Gênio,
A que serve de insígnia, e de divisa
Este que empunho rutilante, e forte
Cetro de prata em minha destra firme,
Eu sustento, eu promovo a sorte, a honra
Daquela parte do Brasil extensa,
Que fica ao Sul do mesmo; e especialmente
Da Capital famosa deste Império.
Nela por eleição, por alta escolha
Assentar, e firmar seu Trono excelso
O soberano vem do Novo Mundo.
E se tu, C'ramuru, tiveste a dita
De ser aquela que primeiro viste
Sobre teus dilatados horizontes
Luzir, brilhar João, qual Astro novo;
Isso escolha não foi, não foi conselho;
Foi acaso, foi ímpeto furioso

Das cegas ondas, e dos rudes ventos,
Das impias negras fúrias agitadas.
Mas o Príncipe invicto a nada cede,
Não se abala, nem muda de projeto;
Bem como em sua lúcida carreira
O luminoso Febo, a toda a parte
Sim manda os seus benefícios influxos,
Sim a todos ilustra com seus raios,
Todos os povos do Brasil lhe devem
Graças mil, todos devem-lhe homenagem,
Gratidão, lealdade, amor sincero;
Porém o Centro, e órbita luzente
Deste Sol, deste máximo Planeta
É por certo o lugar mais venturoso,
Que nesta esfera seus influxos goza,
E que do braço meu a força ampara.
Ditosa Região; mas sobretudo
Ilustre, bela, Capital ditosa,
Que do primeiro mês o nome tomas,
E que d'ora em diante serás dita
Cidade de João, Cidade Augusta!⁵⁰
Nos livros do destino estava escrito,
Que inda um tempo viria, um tempo inda,
Em que feita das gentes a Princesa,
Verias a teus pés ajoelhar-se
As várias Regiões, os vários climas,
E todo o habitador do Novo Mundo.

Por ocultos recônditos princípios
Duma alta Providência impenetrável,
De um saber Infinito, que do nada,
Do mesmo horrível caos o mundo tira
Ordenado, e brilhante; que da massa
Dos males tira bens inexplicáveis;
Que permite os trovões, e as tempestades,
Não só para punir, mas igualmente
Para bem dos mortais, quando lhe agrada,
Que tem nas suas Mãos os elementos,
Os homens, os reptis, os Céus, os globos,
Que muda, que destrói, que estabelece
A grandeza, e fortuna dos Impérios;
E para justos fins sempre admiráveis,
Tudo move, dispõe, ordena, e manda.
Ele mesmo assim quis, ó Rio ilustre,
Que tu sejas o Empório do Universo,
Que desde o Indostão té o Amazonas
Busquem tua aliança, o teu comércio,
Que venham cultivar teus férteis campos,
Povoar teus sertões, vastos, e imensos
De todas as Nações milhões de humanos:
Atraídos virão, virão chamados
Pelas tuas riquezas, e abundância,
Por tuas novas Leis, Leis salutaras,
A quem respeitarão fiéis, submissos,
Formando unidos já debaixo delas,

De teu Cetro suave, e dilatado,
Um só Corpo e Nação, um mesmo Império.⁵¹
Tu finalmente servirás de abrigo,
Serás a Mãe comum dos desgraçados,
E dos que beneméritos buscarem
Das quatro partes do Orbe nos teus braços
Asilo, proteção, favor e amparo.
E vós, ó povos do Amazonas rico,
Que sois por esta parte os Defensores
Dos sagrados limites invioláveis
Do novo Quinto Império enfim chegado,⁵²
Vós que em maior distância estais do polo,
Que mais longe viveis do nosso Augusto;
Mas que haveis assim mesmo em toda a idade
Dado provas sinceras, e constantes
Da nossa pura fé, do nosso zelo,
Vós tendes grande parte, ó leda gente,
Na ventura geral dos Brasileiros;
E por muitos motivos sois credores
De atenção singular, de rara estima,
Que o mundo vos inveje, o Céu distinga.
Disto vou dar-vos a mais alta prova,
E por Mão superior encarregado,
A fim de consolar-vos na distância,
Como um presente, e dom mais precioso,
Eu vos trago, ó Mortais, o Régio Busto,
Uma cópia fiel, Retrato Augusto

Do vosso Excelso Príncipe adorado:
Vede-o, Mortais, prostrai-vos, conhecei-o.

CENA 5^{a53}

GÊNIO TUTELAR DO CABO FRIO

As feições, o semblante, o gesto mostram
Daquela alma as virtudes, e a beleza,
Pois que por sábia lei da natureza
Destas aqueles são os mostradores.
Já no Templo da Glória colocado,
Pelas mesmas virtudes, que o coroam,
Vede a seus pés prostrado, e reverente
O Monarca dos Rios do Universo.
Vede a América toda doutro lado
Render-lhe o seu tributo, e vassalagem:
A pura lealdade ali aparece
Dos ternos, dos sinceros Brasileiros;
E do público bem o amor que anima
O Régio Peito, que o abrasa, e move
A sacrifícios mil pelo seu povo;
A quem de riscos perservar⁵⁴ intenta,
Expondo-se a si mesmo a mores riscos.
Serve de Pedestal ao seu Augusto
Do ilustre Magalhães o nobre Busto,
Varão, que há longo tempo estimo e prezo;

Que no Sul já de louros vi c'roado,
Ali na Pátria Rossilhon ganhados;
E que agora nas margens do Amazonas
Deste Governo em suas Mãos sustenta
O auro bastão pesado, e nos seus ombros
Descansa de João seguro Cetro.⁵⁵

CORO DAS NINFAS

Do largo Amazonas,
Ledos moradores
O Céu vos envia
Imensos favores.

É este o Dia
Do vosso Augusto
E o Céu vos manda
Seu próprio Busto.

Penhor singular
Da maior ventura,
Caro, doce objeto
Da nossa ternura.

O nosso afeto
O nosso amor
Fiéis consagramos

A tal Senhor.

Notas

¹ Consta do livro *Obras literárias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*, edição de 1899, a indicação da fonte de onde se extraíram os dados biográficos do autor aqui reproduzidos: “Artigo biográfico do n. 6 da *Revista Trimensal da História e Geografia*, ou *Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, p. 255, passou a ser reimpresso e publicado no *Jornal do Comércio*, n. 8, de 10 de janeiro de 1841, com licença do Secretário perpétuo do mesmo Instituto”. (N. E.)

² O Sr. Baena no seu Ensaio Corográfico sobre a província do Pará, aqui impresso no ano de 1839, tratando da Vila de Barcelos, nas páginas 388 e 390, diz assim:

“Barcelos: Vila criada em 1758 pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e Capital da extinta Capitania do Rio Negro, tendo sido até então Aldeia de Mariná missionada pelos Carmelitas depois que o Principal Camandre da Cabilda dos Manaus a rogos de sua mãe convocou um dos ditos Missionários, que encontrou andando à pesca.

“No recinto dessa Vila nasceu Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, muito distinto pelo engenho Lírico de que o dotara a natureza. Há impressas desse homem já há muito falecido duas obras em versos, e uma em prosa: entre os seus manuscritos há uma Ode Pindárica ao Governador Gama do Rio Negro fraseada com tanta energia de expressão e pompa de harmonia que ela só pode servir de base, em que assente o seu merecimento poético com tal firmeza que nenhuma censura o possa derruir”. (N. E., 1899.)

³ Aliás do — Guamá. (N. E., 1899.)

⁴ No texto de Tenreiro Aranha, lê-se: “Mostraria que só ele rasteja, e imita de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquela ação rápida, poderosa, e simplicíssima, com que o Ente Supremo desde o alto do seu Trono majestoso rege, e modera o Universo”. (N. E.)

⁵ No texto de Tenreiro Aranha, lê-se: “Seja para sempre detestado o seu cetro, o cetro da tirania, seja banido, e desterrado para os confins desses bárbaros climas, onde desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetua a ignorância o seu jugo infame sobre milhões de escravos desgraçados”. (N. E.)

⁶ As obras, com outros bens, do Tenreiro Aranha estavam bem guardadas como se fossem relíquias de muita veneração em sua casa no apazível sítio da Memória, perto desta Cidade de Belém, e o filho do Autor tinha aprontado uma cópia ou coleção delas, com o desígnio de as publicar nos Estados Unidos, ou na Corte do Rio de Janeiro para onde foi emigrado no ano de 1832. Mandou ir a dita coleção em um volume com outros papéis e livros para a Fa-

zenda Pinheiro, onde estava à espera de um brigue prestes a seguir viagem; mas o bote em que ia essa parte de sua bagagem naufragou, e perderam-se todos os objetos que levava, salvando-se apenas os condutores a nado, e uns pequenos bilhetes dentro de uma caixinha de folha de flandres. O portador de tudo era o cidadão Victório de Figueiredo Vasconcelos, que bem sabe dessa perda. Os escritos originais das mesmas obras continuaram a estar guardados na casa acima dita; mas esta foi invadida e saqueada pelos rebeldes no ano de 1835, e foi outra vez no ano de 1836 pelos *conquistadores*, que, no ano de 1838, estando o filho do Autor na Corte, acabaram de a destruir, tirando dela tudo quanto ainda restava. É pois à *voracidade* desses destruidores, e não à do descuido a quem se deve atribuir a perda das obras e de outros bens do Tenreiro Aranha. O Dr. Patroni, seu parente, sentiu, descreveu e fez sentir em um poema — *As ruínas da Memória*. (N. E., 1899, grifos 1 e 2 no original.)

⁷ Mantivemos a grafia original para não comprometer a rima. Portanto, “aspeito” é o mesmo que “aspecto”. (N. E.)

⁸ Parece que não era — *brucnlear* —, porque o sábio e poeta podia antever e prognosticar a independência e futuros destinos do Brasil. Veja-se o seu último Drama feito em 1808. (N. E., 1899, grifo no original.)

⁹ Reparando para Amazonas. (N. A.)

¹⁰ Na edição de 1899, está escrito “sãa”. (N. E.)

¹¹ Apontando para a Cidade, cuja vista está no fundo do Teatro como se disse. (N. A.)

¹² Falando com a Amazonas. (N. A.)

¹³ Tornando a falar com a Ninfa. (N. A.)

¹⁴ Canta a Ninfa Aurá acompanhada mansamente de alguns Instrumentos da Orquestra de modo que a letra fique bem perceptível. (N. A.)

¹⁵ Na edição de 1899, está escrito “choréas”. (N. E.)

¹⁶ Voltando-se para o Gênio. (N. A.)

¹⁷ Imediatamente que acabarem de dizer as últimas palavras, descerá de cima uma nuvem na qual subirá o Gênio. Quando este se for já sumindo, então com passos lentos e graves se retirará a Amazonas por entre os bastidores, que fingem bosque, e ao mesmo tempo irá a Ninfa lançar-se ao rio que está no fundo do Teatro no qual desaparecerá. (N. A.)

¹⁸ DRAMA PASTORIL que se representou no Teatro da Cidade do Pará no dia faustíssimo e aniversário de Sua Majestade, no qual festejaram, juntamente com este o feliz nascimento de sua recém-nascida e Augusta Neta a Sereníssima Senhora Princesa da Beira, os índios Paraenses à custa dos quais se fez esta função, dirigidos pelo seu respectivo Intendente e Tesoureiro, oferecido ao Ilmo. Exmo. Sr. D. Francisco de Souza Coutinho, do conselho de Sua Majesta-

de, Governador e Capitão General do Estado do Pará, e, a exigências do dito Sr., composto por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, natural do mesmo Estado, ano de 1793. (Folha de rosto, 1899.)

¹⁹ Está escrito assim na edição de 1899. Pensamos em substituir “e o em que” para “e no qual”; no entanto, essa substituição também não parece fazer sentido. (N. E.)

²⁰ Cantando dentro dos bastidores para a parte donde está a gruta. (N. A.)

²¹ Enquanto assim soa este canto, estarão os dois Pastores suspensos ouvindo, e olhando para aquela parte, donde vêm as vozes. (N. A.)

²² Curvando um joelho diante dela. (N. A.)

²³ Prostrando-se também. (N. A.)

²⁴ Acabado o coro, e levantando o 2^a pano, aparece vista de bosque, ou campo matizado de flores, e no meio o altar de Diana com o retrato da Deusa, e em cima do retábulo as Armas Reais de Portugal: aos dois lados do altar ver-se-ão quatro grossos troncos de grandes árvores, duas de cada banda, formando como duas alas, e por entre estes troncos, ou árvores, virão saindo Pastores e Pastoras, uns e outros pelos diversos lados, e adiante de todos Bireno, e Elisa, vindo todos eles ornados festivamente, e pelo modo mais vistoso, que for possível, atendendo a propriedade, e a ocasião, com grinaldas de flores na cabeça, e nas mãos trarão as Pastoras açafates de flores, e os Pastores pombos, com as suas flautas penduradas aos lados, e chegando ao meio do Tablado formam um semicírculo à direita do qual ocuparão as Pastoras. (N. A.)

²⁵ Acabado vão a dois, e dois os Pastores e as Pastoras pôr seus dons sobre a banquetta do altar, a saber os açafates de flores, e os pombos, e tornando em ordem para o mesmo lugar em que estavam. (N. A.)

²⁶ Tiram os Pastores as flautas do lugar em que as tinham, ficando com elas na mão direita. (N. A.)

²⁷ Talvez o correto seja “veem”. Mas, na dúvida, decidimos manter a grafia do exemplar de 1899. (N. E.)

²⁸ O correto seria “têm”. No entanto, mantivemos a grafia original por entender que a mudança poderia comprometer a metrificacão. (N. E.)

²⁹ Tocam agora os Pastores um breve concerto de flautas, e terminando tornarão os dois a cantar este Dueto, cujos intervalos, e pausas serão ocupados pelas flautas. (N. A.)

³⁰ Tornam a tocar as flautas um pouco de tempo até que Bireno continua. (N. A.)

³¹ Vão todos, e chegando-se para o pé dos quatro grossos troncos, que estão junto ao altar de Diana, tiram das algibeiras os seus instrumentos de aço com que fingem entalhar nos troncos as seguintes Inscrições, as quais à proporção

que forem fazendo, irão aparecendo em letras grandes, e iluminadas de modo que da Plateia se possam ler. (N. A.)

³² A primeira, e terceira à direita do altar. (N. A.)

³³ A segunda, e quarta à esquerda do altar. (N. A.)

³⁴ Enquanto os Pastores fazem estas Inscrições, bem entendido, que cada um abra a sua, as Pastoras as irão ver, e acabadas que sejam tornam todos para o mesmo lugar. (N. A.)

³⁵ Torna-se a repetir um breve concerto de flautas. (N. A.)

³⁶ Vão-se, e na retirada irá cantando o coro. (N. A.)

³⁷ Entretanto abate-se o pano. (N. A.)

³⁸ DRAMA EM UM SÓ ATO para ser executado no Teatro Público da Cidade do Pará a 13 de maio de 1808, dia faustíssimo e aniversário de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor, chegado à cidade da Bahia na sua viagem para a do Rio de Janeiro, Capital do Brasil, composto por determinação do Ilmo. e Exmo. Sr. José Narcizo de Magalhães de Menezes, Governador e Capitão General do Estado do Pará, por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, natural do mesmo Estado. (Folha de rosto, 1899.)

³⁹ O Autor tinha esclarecido com algumas notas este Drama para ser impresso; mas faleceu antes de que assim fosse. (N. E., 1899.)

⁴⁰ Vista de bosque, e no fim do Teatro se figura um Rio junto ao qual estará uma gruta, a um dos lados do tablado. E além do Rio muito ao longe aparecerão alguns edifícios, que representam parte de uma Cidade. (N. A.)

⁴¹ Vem saindo da gruta a Nínia do Amazonas, a qual se encaminha para o Gênio, e toma o lado esquerdo deste. (N. A.)

⁴² Está assim na edição de 1899. Optamos por não alterar a conjugação do verbo para “vêm” porque entendemos que tal correção pode comprometer a metrificacão. (N. E.)

⁴³ O Amazonas, e o Prata. (N. A.)

⁴⁴ Na edição de 1899, está “conta-lhe”. (N. E.)

⁴⁵ Alusivo ao valor com que debelaram os Holandeses. (N. E., 1899.)

⁴⁶ Na edição de 1899, o “r” está borrado. (N. E.)

⁴⁷ Bem desejava, e esperava o Autor que esta Aclamação pública, e sincera, a que ele animado de um entusiasmo patriótico, e de um espírito o mais puro de fiel vassalagem, teve a honra, pode-se assim dizer, de dar aqui o tom, e fazer na composição deste Drama como a primeira voz, fosse igualmente seguida e repetida por todos os seus Expectadores. As atuais circunstâncias, e os grandes acontecimentos presentes, que auguram, e felizmente preparam o novo destino do Brasil, bem mereciam em semelhante ocasião da parte dos habitantes dele

esta justa demonstração, ou viva expressão de sentimentos dignos de qualquer povo iluminado, e sensível. (N. A.)

Os desejos e esperanças do Autor em 1808, ou para melhor dizer as suas inspirações, chegaram a realizar-se, por forma ainda mais admirável, no ano de 1821. (N. E., 1899.)

⁴⁸ Descendo rapidamente uma nuvem, e rodeando o Gênio, este nela envolvido sobe, e desaparece por entre as bambolinas. (N. A.)

⁴⁹ Retira-se pelo bastidor mais vizinho à Gruta. (N. A.)

⁵⁰ De Heroica e Leal teve depois e tem o título. (N. E., 1899.)

⁵¹ Assim está realizado o prognóstico do Autor. (N. E., 1899.)

⁵² E com efeito assim chegou a ser em 1821. (N. E., 1899.)

⁵³ Aparece o Retrato de S. Alteza Real, colocado no templo da Glória, magnificamente iluminado, e acompanhado de várias figuras emblemáticas, próprias e alusivas às circunstâncias presentes, servindo-lhe de pedestal o Busto do Exmo. atual Governador e Capitão General do Estado do Pará. Logo que aparece o Retrato, cala-se por alguns momentos o Gênio do Cabo Frio, e faz certa pausa, durante a qual estará com os olhos fitos no mesmo Retrato, até que prosseguindo diz como se segue acima. (N. A.)

⁵⁴ Na dúvida se “perservar” é uma forma arcaica de “preservar” ou de “perseverar”, apesar de que o sentido mais evidente é “preservar”, mantivemos a grafia intacta. (N. E.)

⁵⁵ A estas últimas palavras do Gênio imediatamente segue, e canta o Coro das Ninfas do Amazonas, as quais se figuram dentro das suas grutas, e que daí saem as vozes, pela impossibilidade que houve (visto a brevidade do tempo, e outras circunstâncias) de se aprontarem as figuras necessárias, que deviam aparecer, e compor o dito Coro na parte exterior do Teatro ou do Tablado. O que fica já prevenido na Cena 3ª, e no fim da última fala da Ninfa do Amazonas. Enquanto dura o Canto das Ninfas, vai muito lentamente caminhando o Gênio para aquela parte, de onde parecem sair as vozes e por aí mesmo se retira. (N. A.)